

# Lições da loucura

**Curso Livre do ICP-RJ realizado no segundo semestre de 2007 no Instituto  
Philippe Pinel por Marcus André Vieira.  
Transcrição e pesquisa inicial de referências: Leandro Reis**

# I – Estamira

## Primeira parte

Antes de começar a leitura, dê um pulo no You Tube neste link:

<http://www.youtube.com/watch?v=SY4ckGM6iHg>

Se você ainda não viu nem ouviu Estamira ao menos alguns minutos, prosseguirá como o turista japonês que, da Mona Lisa, só recorda o flash da câmera.



## **Estamira e o Secretário**

“Desempenhamos um papel de registro, ao assumir a função, fundamental em todo intercâmbio simbólico, de recolher o que *do kamo*, o homem em sua autenticidade, chama a palavra que dura. Testemunho invocado da sinceridade do sujeito, depositário das atas de seu discurso, referência de sua exatidão, fiador de sua retidão, guardião de seu testamento, escrivão de seus codicilos, o analista tem algo de escriba” (Lacan, 1998, p. 314).

## **Estamiras**

Estamira é uma fortaleza de senhora: Estamira Gomes de Souza, três filhos, há mais de vinte anos vivendo do que recolhe no lixão do Rio de Janeiro. Ela é também o personagem central de *Estamira*, documentário de Marcos Prado, a senhoria de um impressionante discurso. Elas não são idênticas. A segunda é resultado da passagem da primeira pelo olhar do documentário. Mas para quê separá-las? Respeitar a obra, como respeitar alguém, é resistir a reduzi-la a aspectos parciais. Que seja essa nossa primeira decisão.

O mesmo vale para o documentário. Há muita coisa nele que, como em tudo que brilha, é plural e multiuso. Desenha o lixão, agora “Aterro Sanitário de Gramacho” (que inclusive deve mudar de endereço, pois está abarrotado com o equivalente a treze estádios do Maracanã cheios até a

borda); acompanha os efeitos do tratamento ministrado pela Rede de Serviços em Saúde Mental para um usuário pobre do subúrbio do Rio; conta um pouco da história da psiquiatria do Rio nesses últimos cinquenta anos; retrata um pouco da função, ali, da religião, dos laços de família, hoje, e muito mais. Acima de tudo, ensina sobre a loucura, ou melhor, sobre suas íntimas relações com a razão. Afinal, é tudo menos fora do juízo uma fala como esta de Estamira descrevendo o lixão:

Isso aqui é um depósito dos restos. Às vezes é só resto, e às vezes vem também descuido. Resto e descuido. Quem revelou o homem como único condicional ensinou ele a conservar as coisas, e conservar as coisas é proteger, lavar, limpar e usar mais o quanto pode. Você tem sua camisa, você está vestido, você está suado, você não vai tirar a camisa e jogar fora, você não pode fazer isso. Quem revelou o homem como único condicional não ensinou trair, não ensinou humilhar, não ensinou tirar, ensinou ajudar. Miséria não, mas as regras sim. Economizar as coisas é maravilhoso, porque quem economiza tem. Então as pessoas têm que prestar atenção no que eles usam, no que eles têm, porque ficar sem é muito ruim. O Trocadilo fez numa tal maneira que, quanto menos as pessoas têm, mais eles menosprezam, mais eles jogam fora.<sup>1</sup>

## **O Outro**

O personagem será nosso objeto, sem que possamos (ainda bem) em nada legislar sobre a pessoa. Nada melhor para a psicanálise. Um personagem se presta mal a material empírico para conclusões universais. Ele será, antes, aula da instável proeza que nos interessa: passar para o universal e imediatamente inteligível, algo do estranho e indizível de um singular como tal. Ensina, então, sobre isso a que uma análise almeja. Deixemos, assim, o par foucaultiano “razão-desrazão”, para nos focalizarmos neste “singular-universal”.

Será preciso incluir em nossa leitura um olhar terceiro, o de Marcos Prado, pois é no encontro entre os dois, Marcos e Estamira, que alguma coisa toma forma, nos toca e garante o efeito certo do filme. Seria Marcos um mediador? Lacan prefere o termo *secretário*. Para começar a entender a diferença entre os dois é bom lembrar que, tal como numa análise, são dois corpos, mas não exatamente, pois um fala e o outro registra. E, sobretudo, mesmo que sejam dois, dali sairá apenas um personagem, ainda que extremamente multifacetado.

Como de praxe, o analista tem a vantagem de contar com a função do Outro para fazer essa mágica passagem do privado ao público, que é também a do documentário. Para começar, com seu

---

<sup>1</sup> PRADO, M. *Jardim Gramacho*, Rio de Janeiro, Argumento, 2005. p. 115

*Outro* Lacan reúne os planos “macro” e “micro” da alteridade. O *Outro* tanto é para todos a cultura quanto para cada um algo de sua mãe, seu cuidador primeiro. Como “tesouro do significante”, ele tem tudo o que se pode saber sobre qualquer coisa. Neste sentido, a função do *Outro* se confunde com o que Lacan definirá mais tarde como *sujeito suposto saber*, a quem se endereça o analisante para encontrar a chave de seu mistério: como dizer o sem nome.

Com Estamira, porém, o sujeito suposto saber não funciona. Para ela, de modo algum o saber que vale provém da tradição ou do patrimônio ancestral de sabedoria da humanidade. Ele deverá ser inventado, pois a via régia para o coletivo está fora de questão, foracluída, nos termos de Lacan. Veremos como. Por ora, constate-se o seguinte: ai de quem chega para Estamira com versões já prontas da via régia mais comum, Deus, o Nome-do-Pai e o sentido religioso da vida<sup>2</sup>. É o que faz seu filho, provocando o seguinte discurso:

Trocadilo safado, canalha, assaltante de poder, manjado, desmascarado!  
Me trata como eu trato que eu te trato; me trata com o teu trato que eu te devolvo o teu trato. E faço questão de devolver em triplo! Onde já se viu uma coisa dessa? A pessoa não pode andar nem na rua onde mora, nem trabalhar dentro de casa e nem em trabalho nenhum, em lugar nenhum (...) Que Deus é esse? Que Jesus é esse que só fala em guerra e não sei o quê?! Não é ele que é o próprio Trocadilo? Só pra otário, pra esperto ao contrário, bobado, bestalhado. Quem já teve medo de dizer a verdade largou de morrer? Largou? Quem anda com Deus, dia e noite, noite e dia na boca ainda mais com os deboches, largou de morrer? Quem fez o que ele mandou (...) largou de morrer? Largou de passar fome? Largou de miséria? Ah, não dá, não adianta! Ninguém, nada vai mudar meu ser. Eu sou Estamira aqui, ali, lá, no inferno, nos infernos, no céu, no caralho, em tudo quanto é lugar.<sup>3</sup>

## **Infinito**

O *Outro* de Estamira está bem mais próximo do *Google* que, como descreve Jacques Alain Miller, está sempre a um passo de se mostrar como é: sem sentido, burro, puro emaranhado de saberes sem articulação ou hierarquia, sem verdade.

Ai, também, de quem quer entrar em contato com Estamira valendo-se da dissimulação do politicamente correto, como faz sua filha, no estilo “respeito sua diferença”. É que Estamira, em

---

<sup>2</sup> LACAN, J. “Introdução aos nomes do pai”, *Nomes do pai*, Rio de Janeiro, JZE, 2005.

<sup>3</sup> Prado, M. 2005, p. 119

sua posição de exterioridade a nosso mundo de crenças compartilhadas, convive com algo bem mais definido e intenso que as falas dos políticos. Ela está às voltas com a certeza de uma verdade, pois tem um pé nesse lugar de onde vêm todas as verdades, algum lugar além de nossas prescrições e saberes e que é sempre um espaço aberto ao infinito.

A doutora me perguntou se eu ainda tava escutando as voz que eu escutava. Eu escuto os astros, é, as coisas, os pressentimentos das coisas.<sup>4</sup> Eu falei pra Dra. Alice: minha cabeça tem hora que parece que dá choque. Não dói não, dá agonia, dá choque. Bate assim, igualzinho onda de mar<sup>5</sup>. A doutora passou remédio pra raiva. Eu fiquei muito decepcionada, muito triste, muito profundamente com raiva dela falar uma coisa daquela. E ela ainda disse sabe o quê? Que Deus que livrasse ela. Que isso é magia, telepatia, e o caralho. Porra, porra, porra! Pra quê pô? Ela me ofendeu demais da quantia. Ela é copiadora. Eu sou amiga dela, gosto dela eu quero bem a ela, quero bem a todos, mas ela é copiadora. Eles estão fazendo sabe o quê? Dopando quem quer que seja com um só remédio. Não pode. O remédio é o seguinte: se fez bem, pára, dá um tempo. Se fez mal vai lá reclama como eu fiz 3 vezes na quarta vez que eu fui atendida. Entendeu? Mal eu não quero mal deles não. Eles tão copiando. (...) Vocês não aprendem na escola, vocês copiam, vocês aprendem é com as ocorrências. Eu tenho neto de 2 anos que já sabe disso. Tem de dois anos que ainda não foi na escola copiar hipocrisias e mentiras charlatais.<sup>6</sup>

## **Vertigem**

Portanto, para Estamira, não servirão nem religião, nem meios-termos, nem ciência, no que esses discursos podem ser um bálsamo para as agruras do que temos de loucura em nós. Sim, há loucura em nós e não no doente, pois, como dirá Lacan: “Longe de a loucura ser um fato contingente das fragilidades do organismo, ela é a virtualidade permanente de uma falha aberta em sua essência”<sup>7</sup>.

Até aqui, seguimos Estamira, mas assola-nos uma vertigem: se diante do real infinito, tudo o que sabemos é cópia, em que nos escorar? Afinal, até mesmo o que somos não foi, de certa forma, implantado em nossos corações e mentes?

---

<sup>4</sup> Ibid., 2005, p. 120

<sup>5</sup> Idem

<sup>6</sup> Ibid., 2005, p. 122-123

<sup>7</sup> LACAN, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p.177

Recuamos assustados salvando-nos do abismo ao inserir entre nós e Estamira a pergunta: Por quê? Porque ela ficou assim? Talvez os acontecimentos ou a genética expliquem sua loucura. Acontece que Marcos Prado soube construir um estranho personagem. Os dados poderiam nos tocar: mãe esquizofrênica, marido violento que a obriga a internar a mãe e que, após anos de agressões, a abandona com dois filhos, estuprada, pobre... Tudo isso levaria a um “ela sofreu demais”, para explicar a loucura da mãe, o que a restauraria como nossa paciente. Mas, no filme, as lembranças às vezes dizem muito, às vezes nada.

Nasci no 7 do 4 do 41, a carne e o sangue, e o formato. E aí então sabe o que aconteceu? Eles levaram meu pai no 43. Aí nunca mais meu pai voltou. O meu pai chamava eu de tanto nomezinho. Chamava eu de uns nome engraçado. Merdinha, é, neném, filhinha do pai. Depois eles disseram que meu pai morreu. Aí então, minha mãe ficou pra cima e pra baixo comigo. Que judiação né? Coitada da minha mãe, mais perturbada que eu. Bem, eu sou perturbada, mas lúcida, e sei distinguir a perturbação, entendeu como é? E a coitada da minha mãe não conseguia. Mas também pudera eu sou Estamira, né. Se eu não der conta de distinguir a perturbação eu não sou Estamira. Eu não era... Eu não seria...<sup>8</sup>

### **Freud não explica**

É preciso afirmar, como decisão metodológica e não confissão de impotência: “Freud não explica”. Apesar de toda nossa vontade de achar a chave, não há causa. Só assim será possível seguir Lacan e tomar ao “pé da letra” o que o alienado nos conta<sup>9</sup>. Não se trata de acreditar nele, nem de compreendê-lo como doente, ou santo. Para poder levar o doente ao pé da letra, Lacan se serviu da noção de estrutura. Afinal, se fosse apenas para criar mais um diagnóstico por meio de uma nova categorização segregativa, não teria sido preciso tanto trabalho. O mesmo é válido para nosso uso atual de *psicose ordinária*: ou se trata de uma ferramenta para interrogar o real de hoje ou não vale a pena. Com a estrutura psicótica ele buscou um lugar para que pudéssemos preservar a estranheza com que vive o louco. Nem santo, nem doente, psicótico. Dessa forma, em vez do “porque”, Lacan, como Jaspers, dá lugar ao “como”.

Com olhos de “como”, fica evidente que a questão do psicótico não é, como em Cecília Meirelles, entre isso ou aquilo, mas com *tudo isso* que constitui nosso pequeno mundo. Nossas crenças e desejos, nossas histórias e sonhos. É com o Outro como a própria cultura que o louco lida

---

<sup>8</sup> Prado, 2005, p.116

<sup>9</sup> Lacan, J. *O seminário livro 3*, Rio de Janeiro, JZE, 2005, p. 235

em “uma relação mais radical, mais global com o fenômeno do significante”<sup>10</sup>. Por isso, seu parceiro é sempre “mega”, deixando-lhe apenas os pressentimentos das coisas, exilado, apesar de dentro.

A criação toda é abstrata. O espaço inteiro é abstrato. A água é abstrato. O fogo é abstrato. Tudo é abstrato. Estamira também é abstrato. Tudo que é imaginário tem, existe, é. Sabia que tudo que é imaginário existe e é e tem? Pois é. Os morros as serras as montanhas... paisagem e Estamira... Estamar, Estaserra... Estamira tá em tudo quanto é canto, tudo quanto é lado.<sup>11</sup>

## **O poder real**

Marcos Prado afirma que só considerou ter um filme em mãos quando pôde dar ao discurso trovejante de Estamira um pouco de história humana. Felizmente, apesar disso reverente, aceitou subordinar a novela familiar ao mito delirante. Põe todas as cenas em que são fornecidas balizas históricas em preto e branco. As histórias são importantes, claro, mas é imperativo que não ofusquem a história de uma loucura. É essa que conta. Nesse sentido, é preciso destacar um momento histórico, constatado por Carolina, a filha de Estamira. Ela conta como o lado trovão de sua mãe desencadeou-se:

Ela começou assim: “Dona Maria você sabe que fizeram um trabalho de macumba para mim”, aí pisou na macumba, Deus me proteja... Aí um mês depois disse: “Eu tenho impressão que tem gente do FBI atrás de mim, quando eu tô no ônibus eu tenho impressão que tão me filmando, eu não sei pra que, tipo com câmera escondida”. Um dia sentou lá no quintal da minha sogra, aí olhou pros pés de coqueiro, olhou, olhou, olhou, olhou, aí virou para minha sogra e falou assim: “isso aqui é que é o poder, isso que é tudo que é real, isso é que é real”. Naquele dia acho que ela desistiu mesmo de Deus e agora é só “eu” e “eu”, o “poder real” e acabou.

## **A missão**

Por que exatamente ali e exatamente dessa forma? Não saberemos, mas é possível constatar que, juntamente com o encontro-ruptura com o poder real, puro corte e silêncio, vem, quase ao mesmo tempo, um modo de costura e conexão: a missão de “revelar”. Muita coisa gira em torno dessa missão que lhe dá função na Terra.

---

<sup>10</sup> Lacan, 2005, p. 239

<sup>11</sup> Prado, 2005, p. 115

A minha missão, além d'eu ser Estamira, é revelar a verdade, somente a verdade. Seja capturar a mentira e tacar na cara, ou então ensinar e mostrar o que eles não sabem, os inocentes... Não tem mais inocente, não tem. Tem esperto ao contrário, esperto ao contrário que tem, mas inocente não tem não.<sup>12</sup>

## **Transbordo**

O diagnóstico, então, não é nenhum desafio: esquizofrenia paranoide. CID F20.0. O delírio, inclusive, é bastante comum em seus temas principais. O importante, se seguimos Lacan, é o modo singular como se conectam os nomes da cultura com o real daquilo que chamamos “gozo”. Nos termos de Estamira, ele é “transbordo”.

Tem o eterno, tem o infinito, tem o além e tem o além dos além. O além dos além, vocês ainda não viram. Cientista nenhum ainda viu o além dos além (...). Os além dos além é um transbordo. Você sabe o quê é um transbordo? Bem, é toda coisa que enche, transborda, então o poder superior real, a natureza superior contorna tudo para reservas. É lá nas beiradas. Entendeu como é? Nas beiradas ninguém pode ir, homem nenhum pode ir lá (...). Pra esse lugar que eu tou falando, o além dos além. Lá pras beiradas, muito longe. Sanguíneo nenhum pode ir.<sup>13</sup>

É preciso, para ter uma ideia do quanto esse transbordo é presente em nossas vidas, aproximar, como talvez tenha feito Marcos Prado, a intuição dos medos e mitos mais antigos. Ela nos contará então, assim como Estamira, histórias de um transbordar abissal do fim do mundo, lá onde acaba a Terra, onde, para nossos antepassados navegadores, não havia limite. Apenas um derramar do mar sem fim. Esse transbordar é apenas vislumbre e possibilidade, um além que nos habita como assombro, pois Estamira tem razão: nenhum sanguíneo, finito, pode habitar o insuportável infinito.

## **O falo**

Mas como ela foi parar lá? Uma primeira resposta de Lacan é comparativa: é que Estamira partilha de um *Un glauben*, recusa da crença nos termos de Freud, recusa da conexão comum, do falo como provedor de acesso universal. Este nada mais é que a crença partilhada de que existe uma medida comum para todas as coisas. Para uma pequena ilustração da função fálica, e já que falamos de transbordo, entremos como propõe Lacan no *Seminário 10*, em uma bacia.

---

<sup>12</sup> Ibid., 2005, p. 116

<sup>13</sup> Ibid., 2005, p. 119

A bacia nos remete a uma cena e a um nome próprio: Arquimedes. Seu célebre *Eureka* sela o momento de uma operação decisiva. Quantos já não mergulharam em uma banheira e viram a água transbordar? Arquimedes, porém, fornece a fórmula do transbordo, compreende-o como um objeto concreto, objetiva-o com uma fórmula simples: cada corpo mergulhado na água produz um transbordamento equivalente à sua massa. O deslumbramento e o êxtase abandonam o transbordo, que se torna dosado, regulável. O falo, para Lacan é isso, apenas uma premissa universal<sup>14</sup> que impõe um regime próprio do pensamento. Sob a dominância dessa discursividade, mesmo quando não se dispuser dos corretos instrumentos de medida, poderemos sempre supor que a água pode ser submetida ao cálculo. Ela nunca transborda, apenas transpõe a borda.

Estamira não paga este preço. Traz com precisão o desmedido do gozo, delineando um mundo em que o represamento inexistente, o que não se faz sem um custo impossível. Quase fora do mundo, terá como contrapartida a necessidade de reconstruí-lo permanentemente por meio do delírio, pagando com desrazão o preço de uma solução para o problema do impossível infinito, ao qual denominará “poder real”. Ela terá que vestir a paradoxal missão de “revelar” em sua fúria o indizível segredo desse poder na língua dos homens. Pois sob Arquimedes e seu ponto de mira, está esta Outra mira (Est’Outramira).

Os morros, as serras, as montanhas... paisagem e Estamira..., estamar, estaserra... Estamira ta em tudo quanto é canto, tudo quanto é lado. Até meu sentimento mesmo vê, todo mundo vê Estamira. Eu, Estamira, sou a visão de cada um...

## **Leitura**

Mas como fixar esse transbordamento e deslizamento incessantes? Como obter um ponto de vista que permita estabilizar os nomes e fazer com que digam pouca coisa ao mesmo tempo, às vezes uma só? Lacan dá a pista: pensemos o trabalho de estabilização como o de fixação de uma leitura<sup>15</sup>. Aqui, a analogia com o escrito é preciosa. O mundo se estabiliza por se escrever, escrita continuamente reatualizada por mediação do Outro. Afinal, nada se escreve sem um endereçamento. Neste sentido, vale lembrar o primeiro encontro de nossos protagonistas. Estamira vê Marcos filmando tudo e nada no lixão, lhe chama e diz: “Senta aqui que vou contar minha história, para que você conte para o mundo todo”. Neste trabalho de tradução essencial, o delírio, segundo Lacan, é menos importante em suas significações. O essencial é que alguns de seus significantes de base sejam respeitados. Dar um destino a eles é dar um lugar para Estamira.

---

<sup>14</sup> Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 692-703

<sup>15</sup> Lacan, 2005, p. 236

Devemos admitir que a psicose não esteja somente na dependência do que manifesta, no nível das significações, sua proliferação, seu labirinto, no qual o sujeito estaria perdido, e mesmo preso a uma fixação, mas que ela provém essencialmente de algo que se situa ao nível das relações do sujeito com o significante (...). O significante deve ser concebido como distinto da significação (...). Que haja significantes de base sem os quais a ordem das significações humanas não poderia estabelecer-se, nossa experiência nos faz sentir com muita frequência<sup>16</sup>.

### **Lixão**

Ao menos um significante é evidente em Estamira: o lixo. Ele ganhará para ela *status* de um marido: Dr. Cisco Monturo.

A única sorte que eu tive foi de conhecer o Sr. Jardim Gramacho, o lixão, o Sr. Cisco Monturo que eu amo, eu adoro, como quero bem aos meus filhos e como eu quero bem aos meus amigos. Eu não vivo por dinheiro, eu faço o dinheiro. Eu que faço. É você quem faz. Eu não vivo pra isso e por isso. Felizmente graças a aqui, eu tenho aquela casinha lá, aquele barraco. Eu acho sagrado o meu barraco, abençoado, eu tenho raiva de quem falar que aqui é ruim. Sai daqui, eu tenho pra onde descansar, isso que é minha felicidade<sup>17</sup>.

Esse trabalho, autoral, com o significante, não se faz sem um leitor, que pode ou não ser encarnado. Tanto maior será necessária sua presença física quanto mais original for o trabalho, e tanto mais o Outro ali precisará se apresentar para ser conquistado, subvertido, subjugado para dar seu assentimento com aquilo que o louco constrói.

Estamira produz o delírio como solução, mas não só. Ela também produz uma solução que não passa pela recriação do mundo, mas por um fazer. A cada dia em que transmuta lixo em dinheiro, ela produz para si um lugar no Outro sem precisar lhe impor o que quer que seja em termos de sentido e ainda ganha dele, de quebra, um lugar para morar e um marido.

---

<sup>16</sup> Ibid., 2005, p. 227

<sup>17</sup> Prado, 2005, p. 116

## **Poema**

Parafrazeando Lacan em *O sinthoma*<sup>18</sup>, digamos que a conjunção Marcos Prado/Estamira, assim como uma análise, não produziu nenhum poeta, mas sim um poema. Nem um, nem outro saiu curado da debilidade mental que nos obriga a permanentemente entrefechar a porta do infinito para sobreviver, mesmo que nesse encontro provavelmente Estamira tenha podido afastar-se do perigoso abismo, e Marcos Prado dele tenha tido um vislumbre concreto. Mas doravante ambos podem se apoiar no que fizeram juntos para prosseguir renovados.

Schreber não é um poeta, não nos introduz em uma dimensão nova da experiência. A criação é quando um escrito nos introduz num mundo diferente do nosso, nos dá a presença de um ser, de uma certa relação fundamental, como nossa<sup>19</sup>.

Após o lançamento do filme, tendo já recebido vários prêmios, inclusive com a presença de Estamira no palco, Marcos pergunta a ela, ansioso por sua aprovação: “O que você achou do documentário?” Ela diz apenas: “Você cumpriu sua missão”.

---

<sup>18</sup> Lacan J. *O Seminário*, livro 23: *O sinthoma*, Rio de Janeiro, JZE, 2007, p.115-124.

<sup>19</sup> Lacan, J. – III: p. 94

Segunda Parte

## **O Secretário do alienado**

### **A metáfora do pintor**

A mais conhecida abordagem lacaniana da loucura não foi nem a primeira nem a única. Ela parte de um trabalho clínico em torno da metáfora. Com base em noções relativamente simples, Lacan construiu um sistema robusto em que tanto a estruturação do senso comum quanto os fenômenos da loucura encontram um lugar e um modo de intervenção. Esse sistema ficou conhecido como Teoria da forclusão do Nome-do-Pai, que se contrapõe ao que ele chamou Metáfora paterna.

Vamos então partir de uma metáfora.

*...é preciso não ter escrúpulos, expor-se, jogar-se às feras, se trair, comportar-se como o pintor que compra tintas com o dinheiro das despesas domésticas e queima os móveis para aquecer o modelo. (Carta de Freud à Pfister de 05/06/1910) <sup>20</sup>*

Lacan escreveria essa bela metáfora freudiana assim:

$$\frac{\text{Analista}}{\text{Pintor}} \quad (+)$$

O ponto de partida é uma questão: o que é um psicanalista? Na impossibilidade de defini-lo, apelamos para uma metáfora. Outro nome vem emparelhar-se àquele cujo real queremos descobrir. E temos a impressão de que na junção destes dois termos, Analista e Pintor, alguma coisa do real do analista foi nomeado. Mas nomeado “entre dois termos”.

Pintor é algo mais conhecido. E, além disso, Freud nos traça um retrato do que, no pintor, lhe interessa. Ele não diz que o analista é um pintor, mas dá a entender haver algo comum entre eles, como se fossem uma espécie de primos. Então, nem analista, nem pintor dizem exatamente o que queremos, apenas o encontro entre eles, ou, como diz Lacan, a substituição de um pelo outro. Entenda-se, não é o segundo em vez do primeiro, mas um e outro. A operação produz esse efeito

---

<sup>20</sup> Freud, S. - *Correspondance avec le Pasteur Pfister (1909-1939)*, Gallimard, Paris, 1966

de verdade, designado pelo sinal “+” na fórmula da metáfora de Lacan, apesar de também não sabermos dizer o que é.<sup>21</sup>

Esse resultado assinala igualmente que podemos ficar, ainda que temporariamente, satisfeitos, pois não somos obrigados a prosseguir buscando o que pintor significaria.

Em oposição à metáfora temos a metonímia. Ela indica a procura de uma verdade sobre a verdade, o nome que diria o real. Curiosamente, prosseguindo nessa busca o efeito é o contrário, ou seja: ficamos com a sensação de menos certeza a cada esquina. É o que costuma acontecer quando percorremos o dicionário: percebemos que ele nos propõe sempre mais e mais nomes e nenhum real. Por isso, à fórmula da metonímia de Lacan justapõe um “-” de sentido.<sup>22</sup> Para se ter uma ideia, é muito diferente dizer um braço do Tietê ou a marginal do Tietê. Ou então, valendo-me de uma metáfora emprestada de meu amigo Romildo do Rêgo Barros, é como se a metonímia fosse o jogo e a metáfora o gol.

Metáfora e metonímia são usadas por Lacan de modo muito particular, e não devem ser procuradas em manuais de estilística. O importante é que elas falam de dois aspectos da linguagem.

De todo modo, vamos focalizar a metáfora por ter sido o que ele privilegiou na abordagem da psicose. Por que uma metáfora satisfaz? Por que ela serviu?

A metáfora só funciona se o segundo significante tiver um valor em comum, ou seja, ela só funciona quando compartilhamos elementos gerais, comuns a todos. Ao mesmo tempo, ela não diz tudo uma vez que remete sempre a um algo a mais. Diante de alguns ideais compartilhados, as metáforas funcionam. Mas quando tais ideais se rompem as metáforas se perdem. A metáfora tem um poder de fogo localizado!

O analista, nosso exemplo, seria o real “em si”. Em seguida, um nome – “pintor” - viria dizer o que é esse real. E quem garante que o nome – “pintor” - disse alguma verdade sobre o real? O fato é que alguém falou. Freud falou. Qualquer outro falando talvez não funcionasse. É preciso certa crença. Acredito em alguém, ele vem com a metáfora, então funciona. Esse terceiro está implícito pela barra entre analista e pintor. Mas quem garante que esse terceiro sabe das coisas? É que ele fala em nome de algum saber extraído por ele de algum lugar. Então, atrás desse terceiro há um quarto e assim por diante. Lá longe, no final da série, no infinito, há algo que sintetizaria a sabedoria última. Trata-se, nos termos de Lacan, do Nome-do-Pai. Assim, a conexão entre os significantes e seu valor de metáfora é dada por alguém, em algum lugar, que alguma vez soube dizer o nome certo sobre o real. Não preciso conhecê-lo, basta acreditar que alguém, em algum lugar, sabe, ou já soube, ou saberá das coisas. É essa pequena peculiaridade da crença que precisamos pôr em

---

<sup>21</sup> Lacan, J – *Escritos*, op. cit, p. 519

<sup>22</sup> *Ibidem*

jogo, função que Lacan nomeou Nome-do-Pai. Devemos a ela a estabilidade do senso comum, o fato de o “pintor” dizer do analista. Por isso, o Nome-do-Pai remete também à tradição, aos sentidos cristalizados nos significantes que usamos.

Lacan se valeu da ideia de metáfora para formular a teoria da *metáfora paterna* que, na verdade, não é exatamente uma metáfora, pois é um nome de sabe-se lá o quê, chamado por Lacan *o desejo da mãe*, algo inominável que permitiria ao bebê imaginar o que faria com que alguém estivesse ou não ali para lhe dar o leite. Então: desejo da mãe, estranho, real, são sobrepostos por um significante. E, a partir daí, uma série de outros significantes poderão ser colados nesse jogo de significantes produzindo significações que funcionarão para minha vida.

### **Foraclusão, metáfora e matema**

Os sentidos metafóricos podem oscilar. Basta experimentarmos repetir incessantemente o mesmo termo para vermos seu sentido se esfumegar diante de nossos olhos.

Às vezes, pode acontecer de estarmos diante de uma situação mais radical, isto é, pode haver alguém para quem essa crença não funcione.

Como dissemos, basta partilhar um tanto dessa crença para a metáfora funcionar. É o que está assinalado pela barra. No caso de haver suspensão ou perturbação dessa crença abrir-se-á um espaço entre os dois termos articulados por ela. “Por que “pintor”? Por que você está dizendo pintor?”, ou seja, pluralizam-se as questões. Espera-se então que alguma coisa possa aparecer no lugar da barra abalada, a fim de fixar os dois termos. Estamos dizendo que a garantia dessa cola não está em nenhum lugar a não ser no infinito. Foi o que Lacan chamou *foraclusão do Nome-do-Pai*.

Se Lacan usou a metáfora para abordar a psicose, foi justo porque na psicose há a falência da metáfora. Esta é nossa primeira grande razão para não contarmos unicamente com ela: o psicótico é exatamente aquele que recusa a crença. *Unglauben*. Então, ele será a um só tempo aquele para quem a metáfora não funciona e também quem nos ensinará a navegar sem o mar de metáforas em que vivemos.

Consideremos outra metáfora. Segundo Lacan, diante da psicose cabe ao analista ser o secretário do alienado<sup>23</sup>. Imaginemos uma secretária e, por analogia, teremos certa orientação.

---

<sup>23</sup> “Vamos, aparentemente, nos contentar em passar por secretários do alienado. Empregam habitualmente essa expressão para censurar a impotência dos seus alienistas. Pois bem, não só nos passaremos por seus secretários, mas tomaremos ao pé da letra o que ele nos conta – o que até aqui foi considerado como coisa a ser evitada”. (LACAN, 2002, pág. 235)

Muitas outras metáforas povoam nosso fazer clínico: poder contratual do psicótico, contrato, território, todas do campo da saúde mental.

Não nos satisfaremos com elas. Exigiremos um pouco mais. Até porque o psicótico, além de não gostar das metáforas, nos ensina o valor limitado de operar por intermédio delas.

É o que veremos lançando mão da metáfora lacaniana do analista como secretário do alienado. Como é essa posição de secretário do alienado? O que haveria nessa posição proposta por Lacan como sendo entre dois? Podemos pensar em duas posições extremadas e dizer que a nossa não será nenhuma das duas. Por exemplo, de um lado, alguém diz para um louco: “Eu te entendo, tu és meu irmão”. Do outro, dizem: “Esse aqui é psicótico, nasceu psicótico, ele tem o ser do psicótico”<sup>24</sup>. Ou seja, um dizer que o torna alguma coisa completamente diferente, parecendo haver apenas uma espécie de caridade por reconhecê-lo como ser humano.

Entre essas duas posições encontramos o secretário. Seria ele um mediador? Mediador não seria um bom termo, apesar do seu extensivo uso para caracterizar o acompanhamento terapêutico. “Como acompanhante, eu faço a mediação”, diria alguém. Não. Essa ideia supõe duas coisas, cabendo ao acompanhante comunicar-se com ambas, ou seja, fazer a mediação entre elas e, a partir daí, possibilitar que a troca se realize. Além da pretensão de conhecer a loucura e a normalidade, de estar acima dos dois ou, no mínimo, de estar mais avançado do que o louco neste penoso ir e vir, essa ideia supõe que o psicótico esteja interessado em percorrer essa ponte. O psicótico não gosta disso. Ele não está interessado em mediação. É o que Estamira nos ensina muito bem: “Para que mediação? Eu estou falando a verdade, se você não entende você é burro”.<sup>25</sup> A nossa mediação seria entre não sei o quê e alguma coisa. Nesse ponto, convenhamos, não é tão fácil fazer mediação.

Metáfora é um nome bem geral para falar do fato que é possível abstrair. Não é abstração? Não é isso? Há uma carga de sentido tanto sobre um tema quanto sobre o outro. A junção dos dois produz um tema que os reúne e, ainda que seja vago e abstrato, serve. Mas não para o psicótico porquanto ele não está interessado em coisas vagas e abstratas. Isso culminou no discurso da concretude, logo entendida como retardo mental. Por vezes, fazemos um discurso politicamente correto ao dizermos que o psicótico não é capaz de dialetizar. Que seja! Se dissermos que é abstração – ou seja, um tipo de pensamento por analogia que produz sucessivamente novos sentidos podendo ir ao infinito –, então essa afirmação faz sentido. Só que ficar significando até o

---

<sup>24</sup> Nós bem sabemos que Lacan pode ser lido dessa maneira. Leu-se Lacan assim porque facilitava o entendimento. Mas está na hora de banir essa leitura de Lacan pelos lacanianos. A estrutura psicótica como uma estrutura no real. É um caminho perigoso que alcançará o discurso da esquizofrenia como um problema genético.

<sup>25</sup> *Ibid.*, 2005, p.120

infinito às vezes cansa. E talvez os psicóticos sejam os mais cansados. Estamira, por exemplo, não tem muita paciência com esse tipo de coisa.

No campo da psicose, quando falarmos de bode-expiatório estaremos falando do cruzamento do bode com a fechadura, e não do sacrifício dos bodes para redimir a pena de alguém, conforme os ritos hebreus, e que hoje veio a ser o que é. Mas o fato de ser bode-expiatório não implica absolutamente em ter de ser uma coisa só. Estamos no avesso de Jung.

### **Concretudes**

A questão da “concretude” do psicótico está referida não ao fato de ele ter menos, mas sim ao fato de ele ter demais. Por exemplo, imaginem alguém lhes dizendo: “você é um animal”. Em geral, isso não nos traz maiores problemas. Mas, em se tratando de um psicótico, as coisas podem se complicar, pois nunca se sabe que sentido isso poderá ter para ele. Ou seja, não quer dizer que ele só tenha um sentido oculto, mas justamente que esse sentido pode variar muito.

O psicótico é aquele que levou a sério a poesia concreta!

Então, para o psicótico, devido à sua concretude, o significante animal é o próprio animal, como diria Lacan. Em nossa cultura, essa palavra reverbera para muitos lugares, inclusive o de bode-expiatório. Assim, a pluralização de sentidos é um problema. No caso da psicose, portanto, a questão não é haver menos sentido ou menos abstração, mas sim o fato de a abstração encontrar-se condensada em alguma coisa. Disso decorre a afirmação de Lacan: “Quando estiverem com um psicótico, desistam de compreender e busquem trabalhar tomando-o ao pé da letra”<sup>26</sup>. Em outras palavras: abundar na metáfora não vai ser o caminho privilegiado.

Vamos agora supor que esse (+) na psicose não está garantido pela conexão dos dois S. Algo faz com que eles não se conectem. Então, antes eu tinha um sistema assim: por meio da junção dos dois termos - Analista e Pintor -, eu tenho a impressão de ter nomeado alguma coisa. Mas, na verdade, isso não aconteceu pelo fato de um ter se colado no outro, é o que a barra quer dizer.

Nossa questão, aqui, é querermos encontrar certa nomeação do real, dar um lugar para o singular, não é isso? O singular pode ser tudo menos uma coisa. Caso pensássemos nesses termos, a mediação serviria para nós. De um lado, estaria o psicótico que tem algo estranho; do outro, estaria o mundo e a passagem entre os dois seria secretariada pelo analista.

O valor da metáfora é ser uma rede. Situado entre dois nomes o real fica ‘preso’, mas se mantém a oposição entre esses nomes e ele.

---

<sup>26</sup> Ver nota 7.

Há ainda outro engano que consiste no fato da compreensão, ou seja, uma posição do tipo: “eu entendo o estranho”. No *Seminário, livro 3: as psicoses*, Lacan adverte repetidamente sobre isso dizendo-nos, não exatamente com estas palavras: “Desistam de compreender”<sup>27</sup>.

A própria ideia de metáfora também não funciona bem, já que ela implica tomar uma coisa pela outra. Afinal, o secretário viria no lugar do analista, não é? Quando Lacan diz: “o analista deve funcionar como um secretário” ele está se apoiando na nossa capacidade de entender metáforas. Por isso, mais tarde, quando quis indicar uma melhor posição do analista diante da psicose, ele preferiu fazer referência a algo que não apelasse tanto para as metáforas, mas facilitasse a experiência. Foi assim que ele sempre contou, ao lado de suas belas metáforas, com os seus secos matemas.

## **Matemas**

Portanto, não podemos contar demasiadamente com as metáforas. Primeiro porque o psicótico não navega nelas. Depois, porque o próprio analista também não. O analista não pode se contentar com metáforas, uma vez que se trata de reformular alguma coisa na raiz da existência, exatamente nessas âncoras para o sentido. Por conseguinte, uma teoria metafórica não é o melhor instrumento. De um modo geral, basta um pouco de experiência para não nos prendermos às metáforas.

Vamos então caminhar da metáfora ao matema. O matema<sup>28</sup> é justamente uma tentativa de dizer alguma coisa que possa, além de nomear esse tal real do sujeito, também ser usada em outros contextos. Em outros termos: matema é qualquer articulação de coisas ditas que funcionam por si só. Não se trata apenas de construir um esquema. Valendo-nos do Caetano Veloso, matema seria algo assim: “Tudo certo como dois e dois são cinco”. Não é metáfora. Mas não pensem que se trata de um matema apenas por se servir de números, o fato de haver número não exclui haver também nome. Com esse verso Caetano diz alguma coisa sem dizê-la exatamente, ou seja: que está errado. O matema também diz algo, porém, ao ‘dizê-lo’, não dizemos aquilo que ele significa. “Tudo certo como dois e dois são cinco” é bem diferente de dizer que está tudo errado.

$$\begin{matrix} S' & S & S & (+) & s \\ S & & & & \end{matrix}$$

---

<sup>27</sup> “Se se pode falar nesse assunto de loucura de caráter razoável, de conservação de clareza, da ordem e do querer, é por causa desse sentimento de que, por mais longe que nos adentremos no fenômeno, estamos no domínio do compreensível. Ainda quando o que se compreende não pode nem mesmo ser articulado, denominado, inserido pelo sujeito em um contexto que o explicita, isso já se situa no plano da compreensão. Trata-se de coisas que em si mesmas já se fazem compreender. E em consequência, nós compreendemos. Pois bem; de fato, não.” (LACAN, 2002, pág. 31)

<sup>28</sup> No mundo lacaniano e no mundo pré-lacaniano, o matema é rejeitado por ser certa abstração matemática. Lacan se serve da abstração matemática porque ela é, por excelência, uma linguagem convencional, servindo justamente para tentar reproduzir alguma coisa em outros lugares. Mas não vamos acreditar que é uma representação universal como os gregos acreditavam.

Claro que metáfora e matema se misturam. Ademais, ele também tem, em menor proporção, a mesma propriedade da metáfora, a saber: para seu entendimento, ele tem de estar inserido em um determinado contexto. Pode ser que ao traduzi-lo para outra língua ele ainda funcione. A diferença também não está no fato de o matema ser universal, ele faz certa articulação de nomes que funciona por si só podendo assim ser transmitido.

Outra razão para trazer algo mais do que a metáfora: estamos em tempos nos quais a crença está em baixa. Que situação é essa? Guardadas as diferenças, ela se assemelha um pouco com o encontro com o psicótico que, por sua vez, é um pouco o paradigma de nossos tempos. Assim: nossos tempos são um tanto psicóticos. Já não se tem mais a sólida crença de haver alguém, em algum lugar, que saiba de tudo. Então, a questão é justamente como fazer um ponto de basta, ou seja, chegar a um nome que, somado a outro, produza sentido sobre o real. Quando essa crença está abalada a cola que liga os nomes já não está tão garantida. O que levou Jacques Alain Miller a demonstrar o movimento de Lacan em direção à uma *forclusão generalizada*.

Não precisamos ir muito longe para cogitar sobre o que faz essa cola. Basta pensarmos no obsessivo. Por que não outra coisa? Essa função da crença parece muito pesada por implicar uma submissão à crença de um pai que sabe tudo. A fim de se livrar dessa cola, inicia-se uma recusa disso através do trabalho intelectual, saída que aponta para o fato de não mais existir um significante adequado. Há um bom exemplo disso: Samuel Beckett é o nome. Pode-se dizer que ele é alguém 'largado' por não ter aceitado essa crença. Consequentemente, o mundo para ele se desconstrói e ele escorrega numa deriva tipo "mendigo no parque". Conhece uma mulher que, pelas razões dela, o adota. Ele não suporta aquela presença no banco e começa a cantar.

Bom leiamos:

"Depois comecei a me afastar e me afastando a ouvi cantar outra canção ou talvez continuação da mesma com a voz fraca e que ia enfraquecendo cada vez mais a medida que eu me afastava. E que finalmente calou. Seja porque ela tivesse parado de cantar ou por eu estar longe demais para poder ouvir. Eu não gostava de ficar numa incerteza desse tipo naquela época. Apesar de eu viver naturalmente na incerteza, da incerteza mas aquelas pequenas incertezas de ordem física, como se diz, eu preferia me desvencilhar logo delas. Porque elas me atormentam como as mutucas por semanas a fio. Dei então alguns passos para atrás e parei. Primeiro eu não ouvia nada, depois ouvia a voz, mas quase não ouvia tão fraca que ela chegava até a mim. Eu não a ouvia depois a ouvia. Portanto tive que começar a ouvi-la um dado momento, mas não, não houve começo. Tão suave ela saía do silêncio e tanto se assemelhava a ele. Quando a voz finalmente parou ainda dei alguns passos em direção a ela para ter certeza de que tinha realmente parado e não somente

baixado depois um desespero: Como saber, a não ser estando do lado dela debruçado sobre ela. Então dei a volta fui embora para sempre cheio de incertezas como sempre.”<sup>29</sup>

A incerteza indiscutível o faz agarrar-se a qualquer coisa. Estamos em tempos de baixa crença no Pai, mas alta crença no carismático, baixa no líder e alta no caudilho, baixa na fé e alta no rebanho.

### **O secretário e a escrita**

Nesse sentido, o ponto em questão é o espaço dessa incerteza resultante do fato do Pai não mais garantir a cola das coisas. Esse espaço não é tão estranho em nossa prática. Nele se dá o encontro com a angústia. Já entendemos que é nele que o secretário deve situar-se, espaço onde aparecerá alguma coisa perdida.

A primeira ideia a ser abordada e que está contida no próprio termo secretário é a da ‘escrita’ como algo capaz de fixar uma orientação, sem que isso passe pela analogia ou pela metáfora.

A base para o que falaremos agora está numa lição do *Seminário*, livro 20: *mais, ainda*, intitulada: “A função do escrito”. Nela, Lacan está num ponto do intervalo entre o que Jacques-Alain Miller vai chamar de dois corpos da escrita<sup>30</sup>. Dois tipos de escrita, duas maneiras de pensar a escrita, concomitantemente.

Começemos pelo que é mais conhecido. Primeiro, a concepção da escrita como marca posterior, ou seja, algo que aconteceu, que deixou uma marca. Uma coisa depois da outra. O evento é a vida e a marca escrita é gravada. A marca é memória do evento. Nessa primeira concepção, a escrita ainda tem um valor muito forte, ela produz acontecimentos. Não devemos ficar pensando a escrita como sendo apenas o registro morto do acontecimento vivo. Quando se lê Freud falando dos trilhamentos, isto é, as facilitações, coisas que deixaram rastros, tem-se a tendência a ler assim.

Mas estudiosos como Jacques Derrida e Jacques Lacan mostraram não ser isso o que Freud estaria dizendo. Trata-se muito mais de uma série de traços que lá estão articulando-se a fim de produzir acontecimentos. Em geral, esses traços servem para que o acontecimento possa ser lido. Se chamarmos esses traços de acontecimento de sentido - aquele (+) da fórmula – pelo fato de

---

<sup>29</sup> BECKETT, S. *Primeiro Amor*, São Paulo, Cosac & Naify, 2004.

<sup>30</sup> J.-A. Miller, Peças Avulsas, A orientação lacaniana, Curso dos anos 2004-2005, *La Cause freudienne* n° 63, junho 2006; VIEIRA, M. A. Os dois corpos da escrita. *Latusa Digital*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 1, 2005. Disponível em <[http://www.latusa.com.br/pdf\\_latusa\\_digital\\_17\\_a1.pdf](http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_17_a1.pdf)>. Acesso em 24/10/2014.

estarem em articulação com as coisas da vida, poderemos então ter o sentimento de acontecimento.

A escrita será: fatos que acontecem e marcas que ficaram. Num dado momento, essas marcas começam a funcionar para que eu possa ler o mundo, o que não significa que elas façam um com certa leitura do mundo. A partir de então, podemos ler o mundo de qualquer forma, pautados em diferentes marcas que não são do tipo causa e efeito.

Ou seja, em poucas palavras, o esquema causa e efeito linear não funciona na psicanálise.

A concepção de escrita introduz uma diferença com relação ao Nome-do-Pai, a saber: não haverá um sentido último, apenas leituras possíveis se sucedendo ao infinito. Uma série de marcas que aconteceram e uma crença, uma imagem, de que elas fazem sentido.

Não obstante, buscamos uma análise para encontrar esse sentido último. No processo analítico ocorre, porém, uma desilusão, uma perda da crença nesse saber. As marcas são encontradas, mapeadas, mas a ideia do Nome-do-Pai que sustenta a unidade de tudo isso se esvazia. Então, a análise seria apenas a desilusão do Pai? O encontro com as marcas de uma vida como pura contingência formando uma grade de leitura de origem aleatória? Ficarei conhecendo o meu modo único e singular de ler o mundo, sem poder fazer nada além de continuar lendo sem parar as variações possíveis de minha grade? Derrida nos propõe algo assim, basta ver o quanto ele escreveu. Lacan, todavia, é mais louco.

### **Metáfora delirante e Estamira**

Podemos então dizer que o psicótico está jogado na falta de referência sem ter o consolo de haver algo por trás da grade, já que esta se dissolve. Falta de referência da qual decorre justamente a multiplicidade, pois ele não dispõe de explicação para as coisas: “Eu não vou encontrá-la em lugar nenhum. Pior ainda: não há mais onde buscar”. A esse respeito, podemos nos perguntar, por exemplo: qual é referência do *Google*, qual a referência da Internet? No momento em que se navega muito o referente perde um pouco a importância. Há vários saberes dispersos sem referência clara, perde-se a noção do que é verdade e do que não é. A questão é: como juntar essas coisas? É num momento assim que Estamira constrói o que Lacan chama de *metáfora delirante*. É quando ela senta diante dos coqueiros e, depois de olhá-los por um tempo, diz: “isso é o poder real”, embora ela nem saiba muito bem como dizer. O resultado do que chamamos metáfora delirante é a construção de uma ‘missão’, a partir da qual ela pode produzir discursos belíssimos como o “do resto e do descuido”.

Agora, observem bem esta estrutura:



Ela não é exatamente uma metáfora conforme havíamos definido. Há o “poder real” – ela diz que o revelará, mas não o faz -, o tema “do resto e do descuido” em que as pessoas precisam saber economizar, o de que “aquele que criou o homem como único condicional não o criou para roubar”, etc. Enfim, ela diz uma série de coisas bastante sensatas aos olhos de qualquer pessoa. Sobre um real que não tem nome ela conseguiu construir todo um discurso usando como cola a ideia da missão. A missão é essa escrita que fixa um sentido. No meio de tudo isso aparece a ideia de uma escrita que não é exatamente a marca do que já foi nem tampouco uma sucessão cega de marcas. Essa escrita produz uma grade de leitura, faz um laço, possibilita conectar e funcionar.

O principal, aqui, é pensar a metáfora da ‘missão’ como não sendo um nome do real. A ‘missão’ não nomeia o ‘poder real’. Faz sentido se percebemos que, uma vez dada ‘a missão’, o ‘poder real’ é algo de que ela não fica falando repetidamente. Talvez ela até diga: “minha missão é revelar o poder real”. Mas ela diz, sobretudo: “minha missão é revelar”. Revelar o quê? Ela não vai dizer. Uma vez definida a sua ‘missão de revelar’, seu discurso pode se abrir para coisas que todos compreendem. Ela falará sobre ‘o resto e o descuido’. Nos termos de Clerambault, a missão fica como um postulado de base que sustenta o conjunto dos ditos, sem por isso ser exatamente um dito.

Esse é o tipo de amarração do discurso que Lacan começará a desenvolver, para finalmente chegar ao que conhecemos como nó borromeano, e que abordaremos melhor quando falarmos de Joyce.

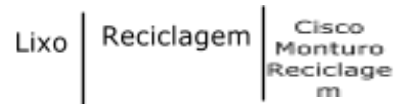
Trataremos agora de outro tipo de montagem do discurso de Estamira que não se dá por meio da metáfora delirante.

### **Artesanato**

A história da ‘missão’ é um tanto clássica, inclusive, é um tema de delírio bastante comum. Além da função do Marcos Prado, que se encontra no texto, há também a função do lixo. Lembrem-se da cena em que ela acha, no meio do lixo, uma embalagem cheia de palmito. Diz ela: “Isso aqui dá uma sopa maravilhosa”; “eu faço dinheiro”. Poderíamos classificar isso como um discurso insensato, mas é verdade: aquele resto é transformável.

Ao mesmo tempo, há a ideia de que ela se casou com o Dr Cisco Monturo que é o lixão encarnado. Então: existe ‘o poder real’, ‘a missão’ e ‘o resto’, ou seja, o seu *I make money*, semelhante a qualquer milionário que faz dinheiro.

Os tempos atuais são um pouco assim: as pessoas fazem dinheiro instantaneamente, e Estamira nos mostra como ela também faz isso. Só que em vez desse dinheiro resultar da mais-valia, ela o faz com um outro tipo de montagem: ela reinscreve os restos da cultura. Do palmito que retira do lixão ela faz um prato. Recolhe o lixo, seleciona e vende.



Essa operação lhe permite conectar e estabilizar coisas, não apenas por lhe propiciar algum dinheiro, mas também por produzir uma estabilidade no discurso do tipo: “Eu faço isso e aquilo, e como isso dá naquilo, sempre que eu fizer isso vai dar aquilo”. Não se trata, é claro, de algo fundamentalmente normal, mas chegamos a um ponto próximo disso. Essa é a ideia da bricolagem, a ideia de que isso faz um nó. Com o Dr. Cisco Monturo conectam-se uma vez mais o real e o discurso, disso resultando alguém estabilizado. Aqui, porém, não é questão de uma missão, mas de um fazer. Há um trabalho concreto de revenda do resto. Cisco Monturo não é o nome de um personagem delirante, nem tampouco um nome delirante dado ao trabalho de reciclagem. É uma metáfora. Um nome dado ao lixão a partir de um trabalho.

Para concluir, vejamos num caso clínico o que irá se materializar nesse meio, nessa função da barra que, no caso de Estamira, foi preenchida tanto pela ‘missão’, quanto pela reciclagem.

Trata-se, aqui, da clínica da neurose. A barra lá está. Todavia, ao longo da análise, algo virá perturbar essa função a fim de que um novo sentido sobre si seja possível. Essa operação tem pontos em comum com a de Estamira, mas se dá mais pela via do nó do que pela da metáfora delirante.

### **Amarração**

Era uma mulher que estava num momento de realização, talvez a sua grande primeira realização: organizava um evento. Deu-se então conta de que repetidas vezes se dirigia às suas supervisionandas dizendo: “Agora só falta correr para o abraço”, mas estas não entendiam talvez por que fossem mulheres. Ela explica que “correr para o abraço” é uma expressão do futebol, usada quando a jogada foi feita, o chute foi dado e o gol é coisa certa, mesmo que a bola ainda não esteja na rede. Leva esse episódio para a análise e lembra que o pai, morto há alguns anos, usava essa expressão. Eis uma fala que deixou marcas, tanto assim que ainda hoje ela a utiliza.

Ela percebe ter um acesso ao universo masculino pelo contato com o pai, um tipo de circulação no meio masculino facilitada pelo pai. Ao mesmo tempo, registra uma falta, exatamente quando ela fazia o gol, pois o abraço do pai nunca tinha vindo. Há algo em sua história assinalando

que o fato do abraço do pai nunca ter chegado a entristece, abraço que ela tanto queria. Sai da sessão numa espécie de falta: dá-se conta de que essa falta do abraço se articula com uma espécie de inibição, bem feminina, que muitas vezes a impediu de realizar coisas como o evento que agora está concretizando. Alguma coisa havia ficado em suspenso, como se ela ainda esperasse algo do pai, razão pela qual não conseguisse ir adiante: “O que poderia ainda vir do pai?” Algo que conectasse estas duas partes: seu lado inibido e seu lado mais masculino, futebolista, realizador.

No momento em que está indo para o evento, percebe que uma propaganda presa no para-brisa do carro. No papel está escrito: “No mês dos pais, dê um plano Unimed e corra para o abraço, carência zero”.

Bom, sabemos então que no meio, entre seus dois extremos, apareceu a propaganda da Unimed. O que fazer com isso? Três possibilidades de leituras. Primeira: é uma resposta do além

Pai  
Abraço | Unimed | Realização

(risos). Segunda, se eu for estudante de psicologia, vou dar uma de “Freud explica” e concluir algo como: “Nós estamos no mês dos pais, futebol é coisa masculina. ‘Correr para o

abraço’ é uma expressão conhecida, quer-se agradar os pais e os propagandistas sabem disso”. Ou seja, o pai não mandou mensagem nenhuma. E o que se diz nessa mensagem é que podemos confiar em Freud, pois ele sempre explicará o que nos é estranho. Isso faria sua análise prosseguir mantendo-a parada no mesmo momento, ou seja: ela continua à espera do que dirá o Pai para tirá-la do impasse. Terceira possibilidade, a delirante: “Eu estou em comunicação telepática com meu pai. Na verdade, eu sempre estive. Ele fala pela minha boca, está sempre me mandando mensagens, em todo lugar”. Além do mais, o fato de tudo querer dizer algo é uma coisa especificamente feminina.

Desse modo, estamos neste ponto que é o do psicótico, o do analista e também o do feminino, ou seja, tudo pode significar. A questão é saber o que fazer com essa significação.

Propomos então uma quarta leitura. Ela concerne à ideia da escrita. Existe este “correr para o abraço” que assinala algo que foi dito, ou veio a se inscrever em alguém que está pensando no assunto em sua sessão de análise. É verdade que isso poderia ter aparecido em qualquer outro momento, ou não ter sido pensado, ou ainda ter sido pensando como vindo do além. Como ela está em análise, algo deve ser feito com “correr para o abraço”, pois ali há algo concreto, isto é, “correr para o abraço” agora nomeia um fazer, conecta tanto o que é do pai, suas realizações e ações, quanto um movimento dela abraçando, ativa, não mais esperando, sem por isso masculinizar-se. O abraço não mais como realização, mas como ação sua, não mais assombrado pelo fantasma do pai, pois ela agora pode abraçar também. E esse abraço vai ser tudo, menos masculino!

Realização



Abraço

A fenda não é mais tamponada pelo pai. A isso chamamos: abrir-se para o fato de que não há relação sexual, quer dizer, não há, nem haverá pai que dê conta do porquê das coisas. Há uma fenda que não poderá ser tamponada. Ao mesmo tempo, a escrita de “correr para o abraço” vem fazer uma amarração: não diz nada do ser dessa mulher, não se trata de uma mensagem paterna que finalmente chegaria, mas conecta alguma coisa possibilitando que seu ser se apresente com o que chamaríamos de estilo próprio.